TL5088
-1



# TIMOR

### Resumo histórico da sua relação com Portugal

A chegada dos Portugueses a Timor deve ter sido em 1514. Os seus habitantes viviam da agricultura e da criação do gado, sabiam trabalhar os metais, tinham uma religião animista, estavam organizados em chefaturas e desconheciam a escrita.

O império português do Oriente no século XVI era antes uma talassocracia, como observa Luis Filipe Thomaz, constituida por uma teia de rotas de navegação e linhas de comércio, defendidas por um poder naval e apoiadas em terra por feitorias e fortalezas dispersas ao longo das costas; essas feitorias eram, além de lugares de troca e de apoio logístico para a navegação, centros administrativos e pontos de intenso contacto de povos e culturas. Timor tinha o seu lugar, principalmente como produtor de sândalo branco que os portugueses inseriram no seu sistema comercial marítimo.

**O império português do Oriente no século XVI era antes uma talassocracia.**

Mas o enraizamento da presença dos Portugueses em Timor não se deve aos comerciantes mas aos missionários. O primeiro de que há notícia certa foi o franciscano Frei António Taveira que em 1556 converteu várias pessoas.

**O enraizamento da presença dos Portugueses em Timor não se deve aos comerciantes mas aos missionários.**

Em 1561, o primeiro bispo de Malaca, D. Jorge de Sta. Luzia, dominicano, enviou quatro padres dominicanos para a região de Timor que então abrangia também as ilhas de Adunara, Flores e Savu.

Para defender o convento de Solor, dos mouros jaus e macaçares, os dominicanos construiram um forte, escolhido inicialmente pelos religiosos, o seu capitão começa a ser nomeado, no fim do século XVI, pelo Vice-Rei da Índia Portuguesa ou pelo próprio Rei português.

A entrada em cena dos holandeses cerca de 1595 obriga a reforçar a segurança da capitania. Entretanto em Timor dá-se a conversão de vários régulos ao cristianismo pela acção dos dominicanos e aqueles foram-se colocando sob a suserania do Rei de Portugal.

O centro da presença portuguesa na região passa gradualmente das Flores para Timor e, em 1646, foi construida a sede da capitania em Kupang que, no entanto, logo em 1652 caiu em poder dos holandeses. A capitania passou então para Lifau no actual enclave de Oé-Cussi. A confrontação com os holandeses pela posse da ilha continuou a agravar-se. Em 1769 a capital foi transferida para a província dos Belos em Díli mas só em 1859 foi assinado o tratado de delimitação pelo qual Portugal conservava a soberania sobre os reinos timorenses a leste de uma ftonteira traçada de norte a sul, mantendo o enclave de Oé-Cussi e desistindo das outras ilhas do arquipélago.

Sucedeu-se então uma época de relativa tranquilidade para Timor sob a acção de governadores com capacidade para promoverem o desenvolvimento da ilha como foi o caso de José Celestino da Silva (1894-1908).

### Religião

A primeira igreja de que há notícia foi construida em 1590 no reino de Mena, perto de Oé-Cussi, mas é com a pregação de Frei Cristóvão Rangel e Frei António de S. Jacinto (1633-1639) que a religião católica cria na ilha raízes decisivas. Para o fim do século, ao mesmo tempo que se espalha pelas ilhas vizinhas ilhas de Savu, Adunara e Flores, o catolicismo progride em Timor. Estas cristandades dependiam do Bispo de Malaca mas a partir de 1642 (entretanto conquistada pelos holandeses com apoio do sultão de Johore) elas passam a depender do visitador de Larantuca, ligado ao vigário-geral dos dominicanos do Oriente, em Goa, pela jurisdição regular, e também ao bispo de Malaca.

A partir de D. Frei Manuel de Sto. António, cerca de 1697, os bispos de Malaca residiam normalmente em Lifau, por vezes em Larantuca (na ilha das Flores), o que contribuiu para a aceleração da evangelização das ilhas. Os dominicanos tiveram um seminário em Solor e dois em Timor dos quais um em Oé-Cussi e outro em Manatuto.

Pelo meados do século XVIII as missões dominicanas entram em decadência e em 1834 com a extinção das ordens religiosas as missões de Solor e Timor foram confiadas a sacerdotes seculares de Goa, sempre em número reduzido. A partir de 1875 Solor e Timor haviam passado para a jurisdição de bispado de Macau.

O restaurador das missões de Timor foi o Padre A. J de Medeiros, da Sociedade das Missões Ultramarinas, enviado pelo governador do bispado de Macau.

Enviou sete missionários e as primeiras madres canossianas e, construiu igrejas abriu escolas, importou sementes de várias plantas úteis e introduziu em Timor o gado vacum de raça balinesa.

Em 1898, foi criado pelos jesuítas o Colédio de Soibada, por onde têm passado sucessivas gerações de timorenses que hoje constituem a elite cultural do território.

Em 1910 o governo republicano expulsou os jesuítas e as madres canossianas que só regressaram em 1923. Pelo acordo missionário de 1940, foi erigida a diocese de Dili mas o primeiro bispo, D. Jaime Garcia Goulart, só em 1945 pôde tomar posse, devido à invasão japonesa. Entretanto, em 1936 ele fundara o Seminário na Soibada que foi transferido para Dare e confiado aos Jesuítas em 1958.

### Aspectos geográficos e económicos

Timor é uma ilha montanhosa localizando-se as maiores alturas na sua parte central dominada por uma crista que serve de linha de separação de águas onde nascem quase todas as ribeiras. O pico mais elevado é o Tata-Mai-Lau, na parte ocidental, com a altura de 2960 m pertencendo à cordilheira do Ramelau. Em Timor Leste encontra-se o maciço de Maté-Bian com os picos de Boicau (2315 m) e Mundo Perdido (1763 m). Os planaltos mais importantes são os de Baucau e Fuiloro com cerca de 600 metros de altitude. O enclave de Oé-Cussi também muito acidentado tem o monte Soli com 1100 metros de altitude. Há várias planícies como as de Batugadé, Com e Díli na faixa litoral Norte e as de Alas, Quirás, Lua, Bilibuto, na Sul.

O clima de Timor integra-se no tipo de climas quentes equatoriais, variedade de monção, com temperatura média anual de 20°C, mas nas zonas de altitudes superiores a 1200 metros o clima é temperado. Os meses mais quentes são os de maior pluviosidade, de Dezembro a Abril.

A principal riqueza de Timor era o sândalo mas nos princípios do século XIX verificou-se a sua decadência. Os portugueses introduziram novas plantas na sua maioria trazidas do Brasil como o milho, a mandioca, a goiaba, o café, e também a teca, vinda provavelmente da

*(Continua na página seguinte)*

*(Continuação da página anterior)*

**A cultura timorense não é única nem homogénea.**

Índia e procuraram introduzir a cana sacarina e o algodão. Trouxeram também novos animais como a vaca e a ovelha.

### Cultura

A cultura timorense não é única nem homogénea pois subsistem várias etnias distintas se bem que aparentadas e com diversas línguas. A essa diversidade original há a juntar o diferente grau de aculturação com os elementos introduzidos pela influência portuguesa: maior no meio urbano, no litoral e entre a nobreza tradicional, menor nos meios rurais, no interior e entre as classes populares. É uma cultura que pode considerar-se inserida na austro-asiática, comum a todo o Sudeste do Continente Asiático e Insulíndia mas a influência do substrato papua é porém mais forte que no resto da Insulíndia.A esse fundo vieram juntar-se elementos introduzidos pela influência de Dong-Son e das civilizações javanesa e malaia; mas, na opinião de Luis Filipe Thomás, os introduzidos pelos portugueses são os mais vultosos com efeitos mais visíveis na religião, na língua e na arte. (fig. 1)

*Distribuição aproximada das principais línguas de Timor Leste*

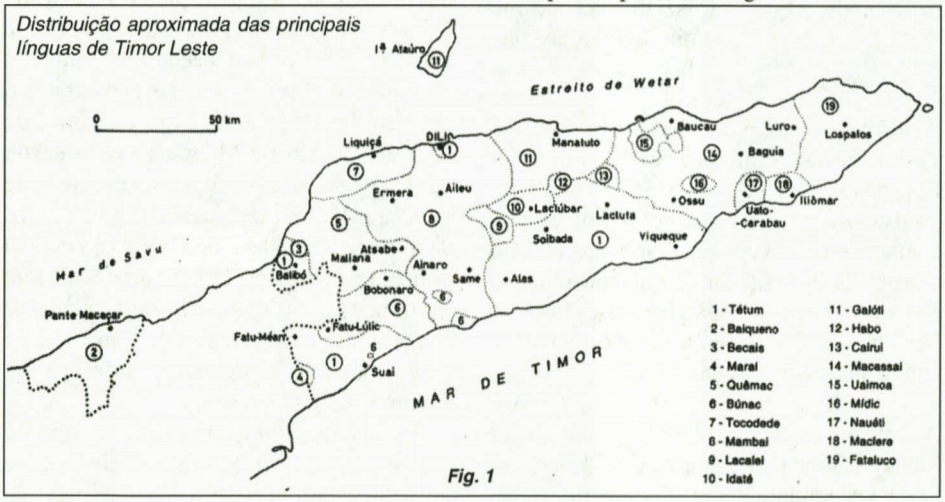


*Fig. 1*

### História política recente

Na II Guerra Mundial, os japoneses invadiram Timor que ocuparam de 1942 a 1945. A invasão foi duríssima deixando muitas localidades em ruínas e milhares de mortos entre os quais os régulos D. Aleixo e D. Jeremias que mantiveram a sua lealdade ao ponto de gritarem vivas a Portugal, quando eram varados pelas balas das tropas nipónicas que os cercavam nas montanhas. O governador Ferreira de Carvalho ficou como prisioneiro no seu palácio de Lahane e os europeus foram internados num campo de concentração em Liquiçá. Quando os japoneses se renderam, a população timorense libertou-os e repôs espontâneamente a administração portuguesa.

**Quando os japoneses se renderam, a população timorense libertou-os e repôs espontâneamente a administração portuguesa.**

Quando da Revolução do 25 de Abril de 1974 com a liberdade de formação de partidos políticos, como se sabe, formaram-se vários partidos nomeadamente a ASDT que se transformou na FRETILIN, UDT, APODETI, KOTA e P. Trabalhista, estes dois não foram reconhecidos pelas autoridades portuguesas. Com o evoluir da situação agudizaram-se as rivalidades e estalou a guerra civil em Setembro de 1975 e as forças da UDT recuaram até à fronteira indonésia que só puderam aceitar mediante o compromisso de anexação de Timor; imediatamente desarmadas foram substituidas por forças regulares indonésias que retomaram a luta com a FRETILIN na zona fronteiriça, enquanto os dirigentes da UDT, APODETI, KOTA e Partido Trabalhista declaravam fundir os seus partidos num Movimento Anti-comunista (MAC) lutando agora pela integração na Indonésia. (Luis Filipe Thomaz, *De Ceuta a Timor*, 2.ª ed., Lisboa, Difel, 1998, p. 6O8).

O que se passou a seguir é do conhecimento geral. A FRETILIN proclamou unilateralmente a independência da República Democrática de Timor-Leste em 28 de Novembro de 1975 e em 7 de Dezembro a Indonésia invadiu o território por terra mar e ar. Díli foi bombardeada por 16 navios de guerra e ocupada por paraquedistas indonésios. A FRETILIN retirou o seu Quartel General para as montanhas de Fatu-Beci, onde durante três anos manteve em funciona-mento um emissor com programas em tétum, português, inglês e malaio.

Apesar da desproporção das forças, o progresso das forças indonésias para o interior foi lento devido à resistência feroz das populações timorenses: das sedes de concelho, Ainaro só foi ocupada em 21-2-1976 e Ermera em 9-4-1976. A ocupação dos postos administrativos só se concluiu em 1979.

Após a invasão, Portugal cortou relações com Jacarta e apresentou o caso à ONU que por larga maioria aprovou a moção (todos os anos renovada) condenando a intervenção indonésia, pedindo a retirada das suas forças e recomendando a portugal que reassumisse as suas responsabilidades de potência administrante e conduzisse à auto-determinação o povo de Timor-Leste – o que durante mais de 20 anos não teve qualquer efeito, com elevados custos humanos para a população de Timor Leste.

**A FRETILIN proclamou unilateralmente a independência da República Democrática de Timor-Leste em 28 de Novembro de 1975 e em 7 de Dezembro a Indonésia invadiu o território por terra mar e ar.**

### A lingua portuguesa em Timor

A língua portuguesa difundiu-se nos séculos XVI e XVII muito para além das áreas que o Estado português senhoreava; difundiu-se – provavelmente sobretudo numa versão crioula – por todos as costas do índico como língua de comércio. Como língua de uma rede mercantil marítima, o português coexistiu desde o século XVI com o malaio. Acabaram por se especializar cada uma em sua função: o malaio, como língua das redes internas do Arquipélago, na cabotagem e nas relações entre os povos da região; o português como língua das redes de longo curso do índico, nos contactos da Insulíndia com as demais regiões da Ásia. Desta relação resulta que o malaio contém, segundo Luigi Santa Maria, 312 vocábulos de origem portuguesa, e os portugueses referentes àquela região há mais de 150

**Como língua de uma rede mercantil marítima, o português coexistiu desde o século XVI com o malaio.**

*(Continua na página seguinte)*

*(Continuação da página anterior)*

palavras tomadas do malaio. Tudo leva a crer que foi esse português crioulizado que se difundiu pelas costas asiáticas como língua de contacto. O que depois se deve ter passado foi que em certos meios urbanos e mercantis integrados na rede marítima tangente, o português substituindo-se à língua local, tornou-se a língua de comunicação corrente de pelo menos uma parte da população. E de tal maneira foi a sua aceitação que o português sobreviveu dois séculos na própria capital dos domínios holandeses, Batávia actual Jacarta. A Holanda tudo fará para alterar a situação, até que em meados do século XVIII impõe a proibição da língua portuguesa em Batávia. (David Lopes, *A Expansão da língua portuguesa no Oriente nos séculos XVI a XVIII*, cit. por Malaca Casteleiro, "A língua portuguesa no Oriente" in *Portugal e o Oriente*, Ciclo de Conferências, Lisboa, Fundação Oriente, 1994, p. 38)

Fora da comunidade holandesa aí radicada o neerlandês não se impôs, de começo, senão como língua administrativa pois como língua de contacto com as populações oriundas do Arquipélago (em especial escravos e mardijkers, isto é, libertos) continuou em uso o malaio; para as populações oriundas do resto da Ásia, o português.

Assim deve o português ter entrado em Larantuca (na ilha das Flores) e no pequeno arquipélago contíguo de Solor – onde ainda hoje restam abundantes vestígios do seu uso, em rezas, canções e representações dramático-religiosas. Com a transferência do fulcro da presença portuguesa para Timor e a fixação da capital em Díli(1769) instalaram-se aí, com suas famílias, duas «companhias de moradores», isto é, de voluntários nativos «tropas de segunda linh». No subúrbio de Bidau, na parte oriental da cidade, instalaram-se as famílias dos oficiais e soldados da companhia de moradores de Bidau, gente oriunda, ao que parece, da antiga capital, Lifau. No Oé-Cussi e dos estabelecimentos portugueses das Flores e de Solor. Falavam entre si o dialecto crioulo a que aludimos já, hoje praticamente desaparecido, dito «português de Bidau».

O uso do malaio parece ter declinado em Timor desde os meados do século XIX provavelmente pela decadência da cabotagem no interior do arquipélago e do reforço das posições quer do tétum quer do português. O tétum desenvolve-se devido à intensificação das relações da costa com o interior da ilha, o português devido ao novo cariz assumido, desde o governo de Celestino da Silva em finais do século XIX, pela presença portuguesa no território em aspectos administrativos, de fomento agrícola e de ensino. O malaio apenas sobreviveu até aos dias de hoje como língua de relação externa em Oé-Cussi, pequeno enclave em que os contactos com o território dantes holandês e depois indonésio se mantiveram frequentes. Note-se que a língua adoptada pela Indonésia é o malaio. (fig.2)

O português falado em Timor apresenta particularidades dignas de nota. Entre essas conta-se o uso de alguns termos vernáculos portugueses em acepções especiais, um pouco diferentes das da linguagem corrente: assim, *estilo* designa a cerimónia gentílica, em especial, o sacrifício de animais da religião animista tradicional; *morador*, o membro da milícia de um reino nativo, etc.

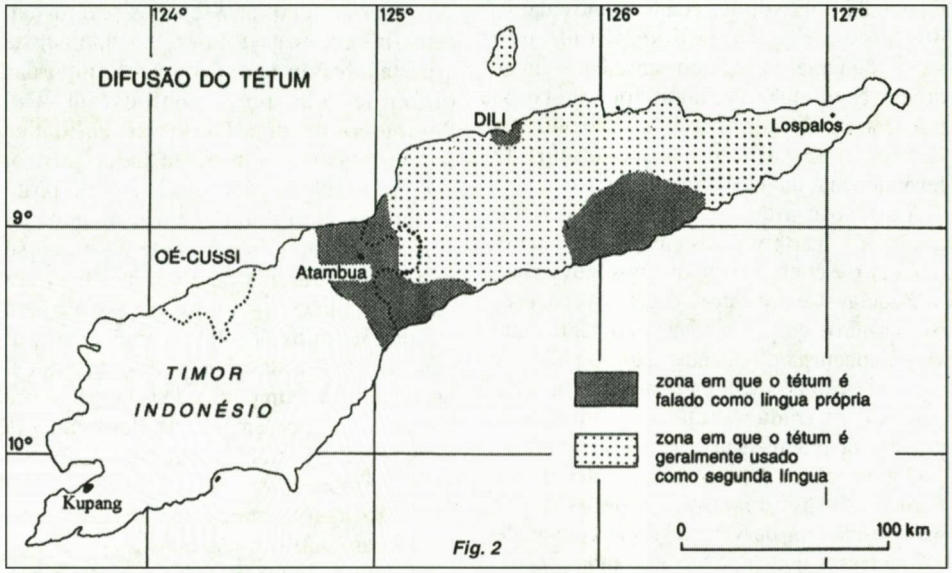

*Fig. 2*

O português não é a primeira língua da maioria dos timorenses, mas afirma Luis Filipe Thomaz, é a segunda língua para os que têm o tétum como primeira língua e para os raros que o não conhecem, o que sucede em Oé-Cussi e Lautem. Para a maior parte não é senão a terceira, após a língua local e o tétum, tendo esta língua tal como o malaio recolhido vários vocábulos da lingua portuguesa.

Mas a importância da língua portuguesa, para além da sua posição de única língua da administração, provinha de ser a única língua escrita e por isso com potencialidades culturais consideráveis.

A ocupação indonésia de Timor veio pôr em risco o futuro da língua portuguesa, pois o ensino é dado na língua indonésia – o malaio – ficando o ensino do português confinado aos colégios diocesanos e ao seminário, segundo parece.

Mas se Timor alcançar a independência ou uma autonomia suficientemente lata para que possa traçar a sua própria política cultural, escrevia Luis Filipe Tomaz em 1994, é provável que encontre no ensino o seu lugar, como segunda língua após o tétum.

Mais recentemente, como se sabe, os representantes da Resistência Timorense na sua Assembleia de Peniche escolheram o português como língua oficial da futura Nação independente de Timor Lorosae.

**A importância da língua portuguesa, para além da sua posição de única língua da administração, provinha de ser a única língua escrita.**

**Os representantes da Resistência Timorense na sua Assembleia de Peniche escolheram o português como língua oficial da futura Nação independente de Timor Lorosae.**

**Bibliografia:**

Luis Filipe Thomaz, *De Ceuta a Timor*, 2.ª ed., Lisboa, Difel, 1998, pp. 591-722.

Malaca Casteleiro, "A língua portuguesa no Oriente" in *Portugal e o Oriente*, Ciclo de Conferências, Lisboa, Fundação Oriente, 1994, p. 38.

Manuel Mendes Lobato, «Timor» in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, dir Luis Albuquerque, 2.° vol., Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 1034-1037.

*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol.XXI, Lisboa, Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, Lda.

**Duas nota finais:**

1 - Faço votos para que nasça em breve a Nação independente de Timor Lorosae e presto uma sentida homenagem à sua espantosa capacidade de resistir às atrocidades sem número e sem nome por que têm passado nos últimos 24 anos e, nesta data, continuam com maior maquiavelismo. Que estes crimes não fiquem impunes.

2 - Que seja remodelado, nas nossas escolas, o ensino da História de Portugal e da sua relação com os outros povos. As lacunas e deficiências deste ensino nas últimas décadas estão a dar origem a gerações sem memória do percorrido e, sem conhecimento das nossas responsabilidades culturais em tantas áreas do mundo, a começar por aquelas onde se fala a língua de Camões. E quando não há memória não há consciência. Urge proceder a melhorias nos programas e nos curriculos a começar pelo 1.° ciclo.

11 de Setembro de 1999

***José G. Barbosa Pereira***